

“TODAS NÓS JUNTAS CONSTRUÍMOS FEMINISMO”

ENTREVISTA COM CARMEN SILVA

Hevelyn Rosa¹

Carmen Silva²

Resumo:

A entrevista aborda temas centrais para o campo dos direitos das mulheres no Brasil, sobretudo na área da saúde, a partir da narrativa de Carmen Silva. Militante feminista negra, oriunda de São Luís do Maranhão e estabelecida em Recife, Pernambuco, Carmen Silva é socióloga, educadora e integrante da organização SOS Corpo e do Fórum de Mulheres de Pernambuco. O balanço histórico do campo da saúde da mulher é articulado a uma perspectiva imersa na experiência da construção coletiva da militância e destaca o protagonismo do feminismo popular na história dos movimentos feministas no Brasil.

Palavras – chave: movimentos sociais; feminismo; saúde da mulher; políticas públicas; direitos reprodutivos.

Abstract:

The interview addresses central issues in the field of women's rights in Brazil, especially in the area of health, based on the narrative of Carmen Silva. Carmen Silva is a black feminist activist from São Luís do Maranhão and based in Recife, Pernambuco. She is a sociologist, educator and member of the SOS Corpo organization and the Pernambuco Women's Forum. The historical overview of the field of women's health is articulated with a perspective immersed in the experience of the collective construction of militancy and highlights the protagonism of popular feminism in the history of feminist movements in Brazil.

Key words: social movements; feminism; women's health; public policies; reproductive rights.

¹ Pós-doutoranda na Faculdade de Saúde Pública (USP) com bolsa FAPESP. Doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2021), mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal Fluminense (2015), especialização em Saúde Coletiva pela Universidade de São Paulo (2013) e graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (2009).

² Carmen Silva é educadora, doutora em sociologia, integrante do SOS Corpo e militante feminista no Fórum de Mulheres de Pernambuco.



Apresentação

Carmen Silva é educadora, doutora em sociologia, integrante do SOS Corpo e militante feminista no Fórum de Mulheres de Pernambuco. Mulher negra, maranhense e com 59 anos, Carmen Silva narra sua trajetória nos movimentos sociais desde a adolescência, em São Luís do Maranhão, passando por São Paulo e, em seguida, Recife. Ao longo das próximas páginas, ela compartilha com muito bom humor, vivacidade e perspicácia seu olhar sobre as lutas das mulheres e a construção coletiva dessa experiência, passando por temas como aborto, raça, educação popular, produção e circulação de saberes, e feminismos.

Além de oferecer uma rica perspectiva sobre o percurso de uma militante feminista, o relato também levanta questões que se colocam no centro dos debates sobre a história das lutas das mulheres no Brasil, com destaque, especialmente, para a construção e sustentação dos movimentos feministas brasileiros e o papel aí desempenhado por mulheres negras e de camadas pobres.

A entrevista integra um projeto de pesquisa intitulado “Memórias de mulheres negras em movimento pelo direito à saúde: lutas antirracistas em foco”, sediado na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo³. A pesquisa investiga processos de constituição de ativismos feministas negros no campo da saúde da mulher no Brasil, com objetivo de sistematizar e visibilizar trajetórias de atuação de feministas negras na interface entre movimentos sociais e Estado na luta por direitos à saúde. Realizada em 07 de junho de 2024, de forma remota, a entrevista foi gravada, transcrita e editada, contando com a revisão e a anuência da entrevistada.

³ Processo nº 2023/13347-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



Foto: Acervo pessoal de Carmen Silva.

Hevelyn Rosa: Muito obrigada por conceder essa entrevista, Carmen! Vamos começar por você, por sua história de vida. Quem é você?

Carmen Silva: Eu sou Carmen Silvia Maria da Silva, mas me conhecem como Carmen. Tenho 59 anos, moro em Recife, Pernambuco. Trabalho numa organização feminista, a SOS Corpo - Instituto Feminista para Democracia⁴, e também atuo no movimento social, sou militante feminista do Fórum de Mulheres de Pernambuco. Moro em Recife há 20 anos, quase 24, na verdade. Sou original de São Luís do Maranhão, nasci e construí toda a minha vida lá, majoritariamente, porque nesse período de vida, também me mudei para

⁴ SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia é uma organização da sociedade civil, autônoma, sem fins lucrativos, fundada em 1981, com sede na cidade do Recife – Pernambuco, na região Nordeste do Brasil. Visando a emancipação das mulheres, propõe-se a contribuir para a construção de uma sociedade democrática e igualitária com justiça socioambiental.



São Paulo. Fiquei 4, 5 anos em São Paulo, depois voltei para São Luís e, a seguir, vim para cá.

Sou jornalista de graduação, mas trabalho como educadora. Fiz mestrado na área de educação, doutorado em sociologia, e tenho essa atuação há muitos anos como educadora no campo da educação popular. A gente chama aqui de educação popular feminista.

Hevelyn Rosa: Como você se aproximou dos movimentos sociais e especialmente dos movimentos sociais de mulheres e de feministas, e qual que foi sua trajetória nesses grupos até hoje?

Carmen Silva: Eu me aproximei aos 13 anos do movimento secundarista e do movimento do meu bairro, que é o Cruzeiro do Anil. É um bairro pequeno, popular, dentro de um grande conglomerado de bairros, que é o Anil, em São Luís do Maranhão. Eu participava do movimento lá, tanto do movimento de jovens da igreja católica, que na época era ligado à teologia da libertação, como do movimento contra a carestia, que é o mesmo movimento que em alguns outros lugares se chamava movimento custo de vida. E depois entrei no movimento secundarista, quando comecei a estudar na cidade. Depois fiz o movimento estudantil na universidade, fiz movimento sindical no período da Constituição da CUT (Central Única dos Trabalhadores), como jornalista, depois que eu me formei. Até antes de formar a gente já ajudava a construir a oposição sindical dos jornalistas. Depois mudei de bairro e construímos movimento popular de transporte, por melhoria de transportes públicos.

Também me engajei na constituição do PT (Partido dos Trabalhadores), do meu estado. Fui de diretório, fui de muitos anos de núcleo, tanto dos núcleos desse bairro, que era o bairro do Anjo da Guarda, como do núcleo de estudantes. Depois fui da direção do partido, fui da executiva estadual... Na campanha de Lula, de 1989, eu estava na executiva estadual. Entrei em 1988 e fui até metade de 1991, mais ou menos. No PT eu assumi a parte de formação política, que já era a minha caçaça.

E depois disso, nos movimentos feministas. Eu conheci o feminismo ainda em São Luís, quando eu era do movimento estudantil. Tinham grupos feministas na cidade, mas eu não tinha uma grande aproximação, apesar de ter uma identidade muito próxima



do que é considerada uma identidade feminista. Os grupos não me atraíram muito. O grupo que tinha, era um grupo de mulheres de classe média, feministas, que tinham um baita trabalho com as mulheres de meio popular, mas era um trabalho com, não era um espaço de organização das mulheres de meio popular. Então, eu não tinha muita atração.

Em São Luís, tinha um grupo que é muito antigo no feminismo, que era chamado Grupo Mulheres da Ilha. Eu tinha um reconhecimento por elas, porque elas faziam um trabalho com trabalhadoras rurais muito interessante. Com mulheres de periferia... Mas era um trabalho com, ou seja, essas mulheres não se identificavam como feministas.

Mas quando eu fui para São Paulo, para o Instituto Cajamar, eu comecei a estudar feminismo, porque a gente tinha um processo de autoformação muito grande na equipe de educadores e educadoras do Instituto Cajamar. E tinha uma pastora, uma teóloga feminista que trabalhava lá, que era fantástica, e aí tinha muitas contribuições teóricas. Depois entrou uma companheira também, que era sindicalista de Santo André, depois entrou uma outra, que era de São Paulo, que era do movimento negro, que tinha uma pegada boa do feminismo negro. Aí a gente sempre estudava, porque, como tinha um processo de autoformação, cada uma e cada um trazia as suas abordagens a partir da sua área de estudo, de militância, e a gente organizava.

Quando eu vim para Recife, eu fui trabalhar em uma entidade de educação popular, mas não tinha uma pegada feminista, era uma coisa mais geral. Aí, quando rolou o processo seletivo aqui para o SOS, eu disse: vou me jogar! Me joguei e estou aqui, “passando uma chuva” aqui em Recife há uns 20 anos. E aqui, sim, quando entrei no SOS, muita gente do SOS atua no movimento feminista, e o movimento feminista aqui em Pernambuco é bem forte, bem organizado.

O Fórum de Mulheres de Pernambuco é um movimento que tem 36 anos de organização, então é bem consolidado. Tem outros movimentos também: aqui tem a Marcha Mundial, a União Brasileira de Mulheres, já teve e agora não tem mais a Rede Feminista de Saúde, tem a Rede Feminista Antiproibicionista, o feminismo das Mulheres da CUT, da Federação de Trabalhadores da Agricultura, dos movimentos mistos... Mas onde eu me engajei foi no Fórum de Mulheres de Pernambuco, onde estou até hoje.

Hevelyn Rosa: Foi concomitante, Carmen, a sua entrada no SOS Corpo e no Fórum de Mulheres de Pernambuco?

Carmen Silva: Mais ou menos, porque quando entrei no SOS, passei ainda alguns anos para entrar no Fórum. Acho que no Fórum atuo há uns 15, 16 anos. Porque aqui, antigamente, 20 anos atrás, o Fórum era construído a partir de representações de grupos, coletivos e ONGs, era uma articulação de outros grupos. E aqui alguém representava o SOS, que não me lembro quem era. Então, eu ia em coisas assim: uma ação de rua, um encontro, uma coisa grande, mas não era aquele engajamento orgânico... Depois, o Fórum mudou, tomou uma decisão de: participa do Fórum as mulheres que quiserem participar. O Fórum é construído de mulheres, não de organizações. Então, eu achei bem legal essa decisão! E aí, entrei, várias mulheres entraram também. Isso é bacana!

Hevelyn Rosa: Bom, você falou do feminismo, da militância de mulheres negras... E como você vê sua relação, sua aproximação com o feminismo negro, com outras feministas negras, que traziam também a questão da luta antirracista?

Carmen Silva: Antes de eu ter uma aproximação com o feminismo negro e com feministas negras, eu tinha uma aproximação com o movimento negro. Quando eu morava em São Luís, naquele período da história do Brasil, os movimentos atuavam muito juntos. Muitas coisas, uma somava com a outra. E lá tem um movimento negro muito forte. Tem o Centro de Cultura Negra, que é uma organização muito importante lá, e eu não era do Centro de Cultura Negra, mas eu atuava tanto na CUT como no PT, e somando com as atividades do Centro de Cultura Negra. Tanto que no meu mestrado eu estudei o Centro de Cultura Negra.

E o Centro de Cultura Negra construiu lá um movimento... Na verdade, a maioria das mulheres que compõem o Centro de Cultura Negra racharam e criaram um grupo de mulheres, Mãe Andresa. Nessa época não se falava o termo feminismo negro. Então, eu conheci feministas que também eram negras, nesse período, e me aproximei delas. Também não fiz militância no grupo, mas atuava junto, construía coisas junto.

Depois conheci, nessa fase de Cajamar, que fui estudar, a Matilde Ribeiro. Ela veio a ser ministra no primeiro e segundo governo Lula. Ela trabalhava com a gente, e ela é uma feminista e negra. E aí, isso foi construindo uma visão. Só depois eu vim estudar

feminismo negro... Estudar a obra da Sueli Carneiro e da Jurema Werneck, que para mim são feministas muito importantes do Brasil.

Eu não tinha acesso, eu não lia outras línguas... Hoje em dia a gente dá um *google* e tem uma tradução. Naquele tempo não era tão fácil. A Ângela Davis mesmo, que veio ao Brasil numa primeira vez, levada pelo Centro de Cultura Negra lá no Maranhão, eu conhecia, mas não tinha acesso à obra dela.

Então, foi publicada a obra dela, *Mulher, Classe e Raça*, em Portugal. Pela primeira vez, foi publicado em português. Foi aí que eu tive acesso. E comecei a ter acesso a outras coisas, e hoje em dia é muito acessível. Mas aqui no Brasil a gente lia 15 anos depois o que era publicado.

Hevelyn Rosa: Muita coisa continua assim, né? Até 20 anos, às vezes...

Carmen Silva: Sim. Em muitas áreas, na sociologia mesmo, que é minha área mais recente de formação... Tem coisas que são impressionantes. E também o feminismo americano hoje tem muito mais penetração no Brasil, e o feminismo francês, menos. O feminismo curdo, nenhuma, quase zero. O feminismo boliviano chega pouco... Essa desgraça desse colonialismo que a gente vive.

Hevelyn Rosa: Exato, exato. Às vezes, quem está mais perto é mais difícil de a gente ter acesso a essas pensadoras, até ao que o pessoal tem feito, às vezes é difícil... Carmen, a próxima pergunta tem a ver com saúde. Nas mensagens que trocamos, você falou que não se vê tão vinculada na sua trajetória como ativista no tema da saúde das mulheres. Eu queria que você me falasse um pouco sobre essa sua avaliação.

Carmen Silva: Primeiro, uma pequena correção, eu não tenho uma trajetória como ativista, eu tenho uma trajetória como militante.

Hevelyn Rosa: É importante essa correção. Carmen, se você me permite, eu vou gostaria de te perguntar sobre o porquê dessa escolha.

Carmen Silva: Militante faz sentido pra mim porque eu respeito muito quem veio antes de mim na história da esquerda. A esquerda cunhou esse termo militante para expressar um engajamento, uma consagração de vida, uma dedicação à luta pela transformação social. Mais recentemente se usa o termo ativista. O termo ativismo tem origem muito diversa. Uma parte dela nas incidências que são feitas sobre o sistema ONU, uma outra parte dela em atuações na internet. Não significa só isso para todas as pessoas, mas ela tem uma certa pegada na ação individual no mundo. E não me representa essa perspectiva.

Embora eu perceba que, hoje, muita gente usa ativista ou militante como sinônimos. Mas, quando surgiu essa palavra era uma crítica à ideia de militância, porque militância seria muito comparável ao militarismo. Porque a esquerda teria uma visão militarista. Eu acho que sim, a esquerda tinha uma visão militarista, porque não imaginava como tomar o poder ou construir um outro poder sem ter força militar, isso é verdade. Porém, eu não quero renunciar a uma tradição de esquerda só por causa disso. Porque eu também não quero vincular a minha experiência política a um outro tipo de nomenclatura que não dialoga com essa tradição. Embora eu reconheça que, hoje, a maioria das pessoas não tem essa avaliação e usa como sinônimo, ativista ou militante. Mas é que quando você se refere à minha trajetória, eu dei aquela demarcadinha básica.

Sobre a saúde, eu nunca me vi muito vinculada, por contingências mesmo... A luta da saúde, especialmente, saúde no sentido amplo, e a luta pelo enfrentamento à violência contra a mulher são duas lutas que sempre tem muita gente que puxa dentro dos movimentos feministas. E aí, eu entro muito nas questões de saúde quando a pauta é aborto.

A pauta do direito ao aborto é uma pauta que me move, que me mobiliza, e que tem pouca gente que coloca ela como uma questão central. Então, nessa pauta, eu me envolvo mais. Mas no movimento que eu participo, tem uma coletiva, um grupo que mobiliza, que faz formação, que puxa a gente para a luta pela saúde pública e para a luta pela legalização do aborto.

Sendo assim, eu entro nessa pauta nos momentos fortes. Como: está acontecendo uma ação na Câmara, na Assembleia, que é um PL (Projeto de Lei) - sempre tem um PL para lascar ainda mais com a gente no aborto legal -, vamos mobilizar. Aí, eu entro nessa pauta com bastante força e também quando é necessário atuar no debate público. Mas não



é uma pauta que eu esteja no dia-a-dia, construindo, representando um movimento na frente pela legalização do aborto. São outras companheiras que fazem.

Hevelyn Rosa: Você integrou a equipe editorial dos Cadernos de Crítica Feminista⁵ que o SOS Corpo publicou. Eu queria te ouvir sobre essa experiência. A seu ver, quais eram as apostas que vocês tinham com essa proposta e que papel a revista cumpriu?

Carmen Silva: Veja, o SOS Corpo é um instituto que trabalha com educação popular feminista, com comunicação política, com pesquisa social, e a gente tem muitas publicações. Estamos sempre publicando ou resultados de pesquisa, ou resultados de seminários, ou sistematização de experiências educativas.

A nossa ideia era que a gente pudesse ter um espaço onde pudéssemos escrever, a nossa equipe, mas também outras feministas que achávamos que tinham elaborações interessantes, um pensamento que se aproximava um pouco do nosso, que também pudessem ter esse espaço de interlocução e de poder publicar artigos. Porque as nossas publicações são muito acessadas por movimentos sociais. E as publicações das mulheres que estão nas universidades, elas são muito mais acessadas, em geral, por estudantes ou outras professoras e professores das universidades. E a gente queria uma publicação que buscasse integrar, que trouxesse o pensamento que está sendo elaborado na academia para dentro do movimento, mas também trouxesse pensamentos de quem está nos movimentos, que eles pudessem também ser lidos na academia. Foi uma experiência muito rica, durou nove números, que equivale a nove anos. E ela cumpriu um papel bem relevante, era muito acessada, muita gente a recebia.

A revista foi se tornando difícil por dois motivos. Um, porque a gente nunca teve dinheiro para sustentá-la. A gente não tinha um recurso específico para fazer. A gente tinha nossos projetos e ficava economizando daqui e dali para garantir a publicação da revista. Mas ela não tinha um projeto financeiro próprio. E, portanto, a gente fazia nas nossas horas... Administrando... Não era exatamente nas horas vagas, porque era hora de trabalho, mas era assim, administrando para poder fazer, porque não tinha gente para fazer. A pessoa que editava, que era eu, Betania e uma outra companheira, a Paula, que

⁵ Cadernos de Crítica Feminista é uma publicação do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia que circulou de 2007 a 2014. Os números encontram-se disponíveis no link: https://soscorpo.org/?page_id=2665.



era jornalista daqui, tinha que fazer muitas outras coisas também. Enfim, isso era uma grande dificuldade.

E a segunda outra dificuldade foi... A situação na universidade mudou muito. Começou uma onda de produtivismo e de burocratização muito grande. Então, para muitas companheiras feministas que estavam e estão atuando nas universidades, hoje é quase impossível você publicar em uma revista que não seja uma revista acadêmica. Porque quem está na universidade é avaliada por isso, por publicar em revista acadêmica, tipo A, tipo B... E tudo tinha que ter o ISBN. A gente, na época, até fez o ISBN da revista, mas agora não é mais só o ISBN, tem que ter outro código. Enfim, nós não somos uma revista acadêmica e não queríamos ser uma revista acadêmica, porque teria que ter um conselho editorial externo, pareceristas, gente avaliando e tal. Bom, e nós não temos uma equipe para ficar dando encaminhamento para isso. Enfim, encerramos, lamentavelmente.

Hevelyn Rosa: É uma pena mesmo como esse sistema produtivista, como você falou, acaba sufocando, não é?

Carmen Silva: Sufoca as professoras, as feministas que estão nessa labuta e separa, aparta muito. Então, às vezes, você tem debates dos movimentos, você vai conversar com uma professora que não sabe para onde vai aquilo. E dentro da academia, às vezes, está rolando um tipo de debate que não tem nada a ver com a vida real de quem está na luta. Então, é dramático isso.

Hevelyn Rosa: Sem dúvida, é uma das grandes questões que tem nos atravessado. Ainda sobre as publicações, eu também queria te ouvir sobre um conceito que você apresenta nas suas obras, que é o conceito de feminismo popular antissistêmico. De certo modo, ele também dialoga com a obra de outras feministas, do Brasil, da América Latina. Como você vê essa mirada sul-americana em relação aos feminismos e o que o feminismo popular, em especial, tem aportado para os outros feminismos?

Carmen Silva: Tem uma coisa bem importante nessa ideia. Quando eu cunhei a expressão feminismo popular, era a partir de uma ideia já vivenciada, já muito prática, de



que, sim, existem mulheres de classe popular que constroem o feminismo, e existem movimentos de mulheres de classe popular que constroem o feminismo.

Isso não é de hoje, já é de muito tempo, mas não estava suficientemente refletido nas histórias dos feminismos no Brasil, e acho que nem na América Latina. Ao mesmo tempo tinha um debate muito grande sobre o feminismo ser uma teoria e um movimento de mulheres de classe média brancas. E eu tinha uma visão, a partir da minha experiência, que não é bem assim.

Existe um feminismo aqui no Brasil, inclusive a partir do campo de esquerda ou de centro-esquerda, aqui não nasce como feminismo de mulheres empresárias liberais. Muitas estavam vindo do exílio por serem de esquerda ou estavam estudando fora... De classe média, porque quem tem acesso a isso são pessoas de classe média, mas que desde sempre tinham relação com mulheres populares ou porque faziam trabalhos educativos e de atendimento com mulheres populares, ou porque pautavam nos seus congressos, nas suas mídias... Dentro dessa relação, as mulheres populares não eram vistas como feministas, porque existia também o estigma do que é o feminismo. Mas isso não nega que mulheres populares estivessem, a partir da sua relação com o feminismo, construindo suas vidas e rompendo fronteiras, inclusive no seu cotidiano.

Dessa forma, quando eu comecei a pensar sobre essa ideia de feminismo popular, era com a intenção de resgatar essa história, mais do que cunhar um conceito. Tanto que, na minha tese, que gerou esse livro, “Feminismo Popular e Lutas Antissistêmicas”, era essa ideia de dizer: a experiência do feminismo brasileiro, e eu diria do feminismo latino-americano, não pode ser tomada como uma experiência de mulheres de classe média branca, porque isso nega, invisibiliza, muitas mulheres populares.

Se você pegar a história da Amélia Teles, ela tem, junto com a Rosalinda Santa Cruz, um livro sobre a imprensa feminista no começo da década de 1980, que é fantástico. Você vê o facsímile dos jornais, o que é que eles pautavam. Se você olhar a história do Congresso da Mulher Paulista, você vai ver um grande número de mulheres populares. A própria história da CUT desde o início... Se você pensar o que é a Marcha das Margaridas desde o começo, como é que foi a construção do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, quando Margarida Hilda sai daqui e vai ser a primeira Secretária da Comissão de Mulheres da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na

Agricultura). Onde está tudo isso? Quer dizer, se o feminismo é branco de classe média, essas mulheres não existem. Não existem.

Então, a intenção era contestar essa ideia muito forte... Na verdade, as mulheres brancas de classe média eram as mulheres que construíram ONGs, que foram para as universidades dar aula e que publicavam, escreviam. Isso sim, são as mulheres brancas de classe média. Mas isso não é todo o feminismo, embora tenha sido muito importante na história do feminismo

Depois dessa tese, eu escrevi um artigo para um livro latino-americano. As pessoas pensam assim: então, você está criando um novo tipo de feminismo? Existe feminismo negro, existe feminismo comunitário, e existe feminismo popular. Não. O feminismo popular pode beber do feminismo negro, do feminismo comunitário, do feminismo materialista, do feminismo marxista, de qualquer feminismo. O que eu estou dizendo é que existem mulheres de classe popular construindo o feminismo. É isso que eu estou defendendo. Quais teorias vão informar esse movimento? São várias.

As coisas não são necessariamente excludentes. Eu estou tratando o feminismo popular enquanto composição de classe destes movimentos. Mas há uma outra acepção, que eu acho também muito válida, que é o feminismo popular como o movimento feminista que é vinculado ao projeto político popular.

Por exemplo, hoje a Marcha Mundial, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), vários outros grupos de mulheres ligados à Via Campesina, se colocam como construindo feminismo popular. Eu acho que é feminismo popular sim, porque elas estão construindo um feminismo formado por mulheres de classes populares. O que vai informar esse feminismo? Só a história delas vai dizer. Elas também constroem conhecimento.

Hevelyn Rosa: Sobre o Fórum de Mulheres de Pernambuco, eu li uma narrativa que você fez sobre uma prática de ir para os territórios com o objetivo de escutar mulheres sobre suas perspectivas, condições de vida e reivindicações. Mulheres que não eram vinculadas aos movimentos sociais, necessariamente. Primeiro, gostaria de saber se essa experiência se deu em um período específico, ou se é algo que vocês, de alguma forma, mantêm. Também queria te ouvir sobre o que você acha que essa prática trouxe para o Fórum e o que trouxe para você.

Carmen Silva: Foi durante um período. E a gente sempre se remete a ela. Agora mesmo a gente teve o encontro estadual do Fórum e alguém disse: precisamos reeditar aquela experiência. Eu sei que Carmen escreveu um negócio sobre isso!

No Fórum, a gente tem dois tipos de encontro: o encontrinho e o encontrão. O encontrinho reúne 60, 70 companheiras das cinco regionais do Fórum que são as mais engajadas. Acontece de dois em dois anos, e é aquele momento mais estratégico, o trabalho de decisão. O encontrão é grande, com mais ou menos 350 mulheres. A gente queria fazer também de dois em dois anos mas, na prática, faz quando dá, porque é também bem difícil conseguir dinheiro para fazer.

Essa experiência foi uma metodologia criada em preparação para o encontrão do Fórum. Porque, qual era a nossa discussão? A nossa discussão era: a gente vai para o encontrão e define quais são as lutas prioritárias. Mas como é que a gente analisa a situação das mulheres pra definir estas prioridades? A gente faz isso a partir de nós mesmas, do nosso próprio olhar? Que bom, é assim que funciona. Mas talvez a gente não esteja tão concatenada com o que as mulheres estão vivendo hoje, com o que está acontecendo. E aí a gente criou essa metodologia, que era chamada de *escutar as mulheres*. E foi muito bacana!

Na verdade, a gente criou uma metodologia e cada lugar onde acontece o Fórum foi adaptando. Algumas botavam uma banquinha, uma caixa de som e um microfone, ficavam tocando música e paravam e chamavam as mulheres numa praça. E a mulher vinha e dava o depoimento no microfone. Outras não, chamavam as mulheres que iam passando com um panfletinho que a gente ia explicando o que era, e perguntado se elas queriam conversar. E a mulher sentava e conversava. Essa daí foi a mais difícil, porque aí as conversas eram longas. E, muitas vezes, as companheiras também não tinham alternativa para dar.

Outras fizeram no terminal de ônibus, onde passavam muitas mulheres, aí ficavam falando e botando música e com folhetos na banquinha para distribuir. Aí, de vez em quando, uma parava e escutava. Aquela que parava para escutar, uma companheira ficava conversando com ela e a outra tomava nota das questões que ela estava levantando. Não a história dela toda, mas quais eram as pautas e as demandas que ela estava levantando como prioritárias. Cada grupo que fez, de bairro ou de município, sistematizou, o que

significa que o grupo transformou isso por escrito, apresentando as principais questões e contabilizando quantas vezes cada ponto foi citado. Por exemplo: escutamos 50 mulheres. O problema do transporte público apareceu 10 vezes ou 20 vezes, aí colocava só o número. Poderia ser violência no transporte público ou preço da passagem no transporte público, por exemplo. Porque dentro do transporte público, às vezes, apareciam várias coisas.

Aí a gente chegou no encontro, que é esse momento que reúne todas, e fomos trabalhar em grupos, por região, juntando essas escutas, o resultado das escutas, para construir qual era a situação das mulheres naquela região, os problemas principais, como é que as mulheres estavam vendo. Depois desse trabalho, a gente fez os debates de aprofundamento daquelas grandes problemáticas que vinham. Transporte, moradia, saúde, violência.

Nessa época já apareceu o problema, que hoje a gente chama de situação socioambiental, mas que na época eram as barreiras, a chuva, os alagamentos... Tinha sempre o problema das barreiras, que quando chove elas desabam, e morre um monte de gente.

A gente sistematizou isso, fez um debate de aprofundamento e formulou propostas em cima dessas coisas. No final do encontro, fizemos o palanque feminista - era período eleitoral, por isso a ideia de palanque. O palanque feminista era um caminhãozinho, e uma parte de nós ficava em cima dele (outra parte imensa embaixo) falando e fazendo discurso em cima daquelas problemáticas e cobrando os candidatos nas eleições. E as outras embaixo com cartazes. E parava, colocava música e tal...

E foi essa a metodologia, que era a escuta vinculada, na verdade, à construção, à preparação do encontro. Na medida que as mulheres do Fórum iam fazer isso, elas tinham que se preparar. Elas tinham que organizar o material e, a partir disso, discutiam. Chegando no encontro, discutiam novamente. E a metodologia tinha esse objetivo também de construir nosso posicionamento para as eleições. Isso foi antes de 2014, mas não lembro que ano...

Aí a gente sempre diz: “vamos voltar àquela metodologia!”. A gente não voltou como um todo, mas tem grupos, de município, de bairro, que fazem ainda. De vez em quando, quando vai construir uma pauta de reivindicações, faz. Mas o Fórum estadual como um todo, a gente não voltou a fazer essa metodologia.

Hevelyn Rosa: Bacana! E pelo que você falou, ela deu muitos frutos.

Carmen Silva: Foi bem bacana mesmo! Bem bacana. Para mim foi muito importante, porque eu gosto muito dessa militância e gosto de ver como as companheiras se engajam na militância. E acho que existe uma ideia, na esquerda, muito dicotômica entre quem pensa, quem elabora e quem faz a ação prática dentro dos movimentos. E essa ideia é muito ruim. Eu acho uma ideia muito retrógrada mesmo. E essa experiência provou para nós mesmas como essa ideia é ruim, como a gente pode, todas nós juntas, construirmos conhecimento.

Ao mesmo tempo que, claro, umas tiveram acesso à universidade, se especializam nisso e é bacana. Outras não, trabalham como doméstica, como bancária, como professora e não têm o tempo para ficar elaborando, para ficar estudando... Mas a gente pode fazer coisas coletivamente e construir muito, elaborar muito de forma coletiva.

Hevelyn Rosa: E você lembra como é que apareceu a questão da saúde da mulher na experiência da escuta?

Carmen Silva: Apareceu bastante. Apareceu tanto no sentido do atendimento no postinho, porque também foi o período que estava se implantando o Programa de Saúde da Família. Então, ora apareceu como posto, ora como PSF, porque estava exatamente no período dessa mudança.

Apareceu muito a questão da morte materna. Todo mundo tinha uma experiência. Em quase todas as regiões apareceu essa questão ligada a vários problemas: desde não ter pré-natal, mas também ligada aos problemas de distância das maternidades, de chegar e não poder ser atendida, ter que ir para outra... Na saúde, essa coisa da marcação de consultas, hoje até que está um pouco mais fácil, mas era bem complicado. Eu lembro bem disso.

Coincidentemente, a gente tinha duas companheiras que eram bem importantes no Fórum. Duas companheiras bem antigas. Uma que convivia com a esquizofrenia a vida toda e que era militante nessa área da saúde. Ela já tinha tentado suicídio, inclusive, algumas vezes. Todo mundo conhecia a história dela. E ela era uma ferrenha defensora

do SUS (Sistema Único de Saúde). E tinha uma outra que estava com câncer, que também era muito antiga no Fórum.

E foi muito legal, porque no debate, já dentro do encontro, vieram muitas queixas da saúde, na ponta do atendimento, da marcação de consulta, da morte materna, da fila, da dificuldade com os exames. E, quando elas entraram no debate, elas entraram colocando a experiência delas. E o tratamento de câncer no SUS é fantástico. Até hoje, segue sendo absurdamente fantástico. E elas narraram essa experiência.

E a outra companheira, que tinha esquizofrenia, já participava do Fórum desde jovem. Nessa época, ela já era uma pessoa mais velha. Ela disse que o único problema que tinha no SUS, no caso dela, era quando o médico errava a medicação. Mas isso não era um problema do SUS. Isso era um problema da formação dos médicos. Foi fantástico. Porque, às vezes, é difícil você fazer a defesa do SUS quando você está analisando só a ponta. Porque é bem complexo. Aí, quando elas trouxeram a questão do atendimento de pacientes crônicos, facilitou muito.

A outra forma que também apareceu bastante, nem sempre ligada à saúde, mas, às vezes, ligada à saúde, foi a questão do aborto. Principalmente ligado à morte materna. Porque muita gente tem pessoas de sua família que morreram por um aborto mal feito, uma morte materna, mas que não foi por parto. Tem gente que perdeu filha, que perdeu amigas.

E aí apareceu também a questão do aborto não só ligada à autonomia reprodutiva, mas ligada ao enfrentamento disso no sistema de saúde. E, depois disso, já agora, desde a pandemia, a gente teve aquele enfrentamento aqui, tão grande, da menina de 11 anos que veio do Espírito Santo pra fazer um aborto aqui. Que é exatamente isso. A gente estava discutindo isso há dez anos atrás e tivemos que ir para a rua para fazer o enfrentamento dos fundamentalistas nesse caso. Foi difícil, difícil mesmo.

Por estar no meio de uma pandemia, as companheiras mais velhas que não podiam ir ou que têm comorbidade, ficavam de casa, trabalhando nas redes sociais, divulgando. E as mais jovens lá se expondo. Algumas já eram mais experientes, mas outras menos experientes, e os deputados indo para cima, xingando, chamando de assassina. E a gente sem poder estar lá, sem poder nos abraçar... Eu não estava... Eu estava no interior e fiquei na estrada. Estava o tempo todo no *zap*, enlouquecida, querendo chegar. Menina, um sofrimento, um sofrimento.



Foi uma história que mobilizou muito mesmo. Teve aquele vídeo do jogral⁶, que foi super improvisado, não é? E as meninas inventaram de fazer ali, tentaram filmar, inventaram de botar na rede. Na mesma semana, ou em 15 dias, deu um milhão de visualizações. Foi um negócio impressionante. O *Instagram* do Fórum de Mulheres passou de 2 mil para 14 mil seguidores. E a gente não sabia o que fazer com aquilo, não é? Até hoje a gente não sabe, porque a gente não tem uma pessoa que possa ficar cotidianamente fazendo rede social.

Hevelyn Rosa: E como você vê a inserção das militantes feministas negras na luta pela saúde da mulher? Qual tem sido o impacto dessa atuação nos enfrentamentos, nas conquistas, nessa luta?

Carmen Silva: Eu acho que tem uma influência num momento bem importante dessa luta pela saúde da mulher, que foi o período da esterilização em massa na década de 1980, promovido pela BENFAM (Sociedade Civil de Bem Estar Familiar no Brasil), que fazia parte dessa política malthusiana de controle populacional. E o feminismo brasileiro, que sempre foi um feminismo vinculado à questão das mulheres em situação de pobreza, tomou isso para si. O SOS Corpo mesmo fez muitas pesquisas, debates e incidência política sobre isso. E foram as mulheres negras que colocaram e ensinaram que não era só uma questão das mulheres pobres, era fundamentalmente uma questão das mulheres negras, porque a maioria das mulheres pobres, a ampla maioria das mulheres pobres são mulheres negras, porque a gente tem uma formação social escravocrata e uma “libertação” dos escravos sem nenhuma reparação.

Essa é a condição que está dada. Então, essa esterilização em massa das mulheres pobres era racializada. Eu acho que esse foi um momento muito importante da incidência do conjunto do que era o movimento de mulheres negras. Na época não era tão grande como hoje, mas foi muito importante ter esse posicionamento e ir para os debates e enfrentar as elaborações de feministas brancas com esse posicionamento. E essa posição fortaleceu muito a denúncia feminista feita.

⁶ O jogral pode ser visualizado na página do Fórum de Mulheres de Pernambuco na rede social *Instagram*, por meio desse link: <https://www.instagram.com/p/CD93Y5ZncFV/>.

Eu acho isso muito relevante. E hoje, eu acho que tem organizações feministas negras que assumem a linha de frente da discussão da saúde da mulher, da saúde da população negra, e que tomam para si a questão, por exemplo, do direito ao aborto. Mas há, no contraponto, um debate de que essa não é uma questão porque o sistema quer mesmo que mulheres negras não tenham filhos porque eles são descartáveis quando já nasceram.

É uma visão que eu discordo. E discordo baseada em visões, inclusive, das próprias mulheres negras. Se você considera uma organização como Criola, que é uma organização de mulheres negras feministas e que assume a linha de frente da luta pelo direito ao aborto, ela tem uma argumentação muito sólida. Uma argumentação empírica de que são as mulheres negras que mais morrem pelo aborto feito em condições precárias e, também, uma argumentação conceitual substantiva que é a da defesa da justiça reprodutiva.

É o direito de não ter e o direito de ter quando quiser, mas tendo condição de criar. Então, acho que são duas contribuições em duas épocas diferentes, muito fundamentais que o movimento de mulheres negras, o feminismo negro, trouxe para o conjunto do feminismo.

Hevelyn Rosa: E pensando nesse olhar histórico que você mencionou, que balanço você faz do campo da saúde da mulher no Brasil dos anos 1980 até hoje?

Carmen Silva: A gente está lascada. Porque teve um momento, nos anos 1980, que praticamente não tinha nada. Com a construção do SUS e depois do PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher), que era plano, depois virou política. O movimento feminista construiu essa política. Eu posso afirmar isso com todas as tintas, inclusive porque grande parte dessa construção partiu aqui de dentro desta organização onde me encontro. Eu não estava aqui ainda, mas a história da PNAISM (Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher) passa por dentro do SOS e de outras organizações bem relevantes, como Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, Transas do Corpo...

Sendo assim, foi muito importante a atuação do movimento feminista na construção dessa política. Só que essa política teve um momento de auge e ela foi sendo

destruída. Infelizmente, o começo da destruição não coincide com o pós-golpe no governo da presidenta Dilma. O começo é anterior, quando se construiu o programa Rede Cegonha, que o movimento feminista já fez uma crítica bem contundente, porque a saúde das mulheres não é a saúde das mães, é muito mais ampla, mas foi se restringindo. Depois veio o golpe e destruiu-se a área. Resultado: hoje é um momento de reconstrução.

Inclusive eu soube que no Ministério da Saúde elas estão discutindo nesses termos mesmo. Revisão, elas chamam, que é mais politicamente apropriado para quem está no governo. Mas para a gente que está de fora, eu acho que é um momento de reconstrução, porque foi de certa forma destruída. Eu só não posso dizer que foi destruída, porque tem algumas conquistas que, apesar de tudo, se mantêm. Por exemplo, a discussão e a prática da questão do parto humanizado. Ela é uma coisa que se mantêm, apesar do caos que ficou. E apesar de ter aqui e acolá muitos problemas.

O próprio aborto legal, que aí em São Paulo está sendo muito perseguido, em algumas outras cidades também, mas ainda tem o atendimento no Sistema Único de Saúde, dos casos de aborto legal. É verdade que nesse momento de fundamentalismo, a maioria dos médicos está encaminhando meninas, meninas sim, porque de 10 a 14 anos é meninas, para o pré-natal, ao invés de encaminhar para o serviço de aborto legal. Tem até pesquisas dizendo os números disso. É um drama. Mas ainda existe o serviço de aborto legal. Então, tem coisas que se mantêm.

Eu acho que o período é de reconstrução sem desconhecer que houve uma construção e que algumas coisas se mantêm. É importante, por exemplo, pensar a saúde mental das mulheres no momento em que a gente está vendo os recursos do Sistema Único de Assistência Social serem direcionados para comunidades terapêuticas evangélicas, que vão revitimizar as mulheres. Então, tem várias coisas para serem feitas nessa área.

Hevelyn Rosa: O que não falta é coisa a fazer, não é? Carmen, eu acho que a gente conseguiu percorrer os temas mais importantes. Foi muito bom te ouvir! É uma honra para mim. Agradeço muito por ter reservado esse tempo para a gente conversar!

Referências

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.



SILVA, Carmen. **Feminismo popular e lutas antissistêmicas**. Recife: Edições SOS Corpo, 2016.